

O 6.º Salão e os premios

Pelo nível modesto em que se situa o VI Salão Paulista de Arte Moderna, os índices de premiação servem a dar, na maior parte dos casos, um balanço qualitativo. Mas nem sempre o Juri está de acordo com a crônica ou a critica. E o balanço adquire o interesse de uma outra seleção, mais propicia ao debate de pontos de vista. O caso solitario da gravura de Marcelo Grassmann já foi objeto, aqui, há dias, de um comentario menos sobrio. A singularidade dessa gravura está a honrar o Juri, naquele ponto altissimo em que não cabe haver discrepancia perante a obra de arte.

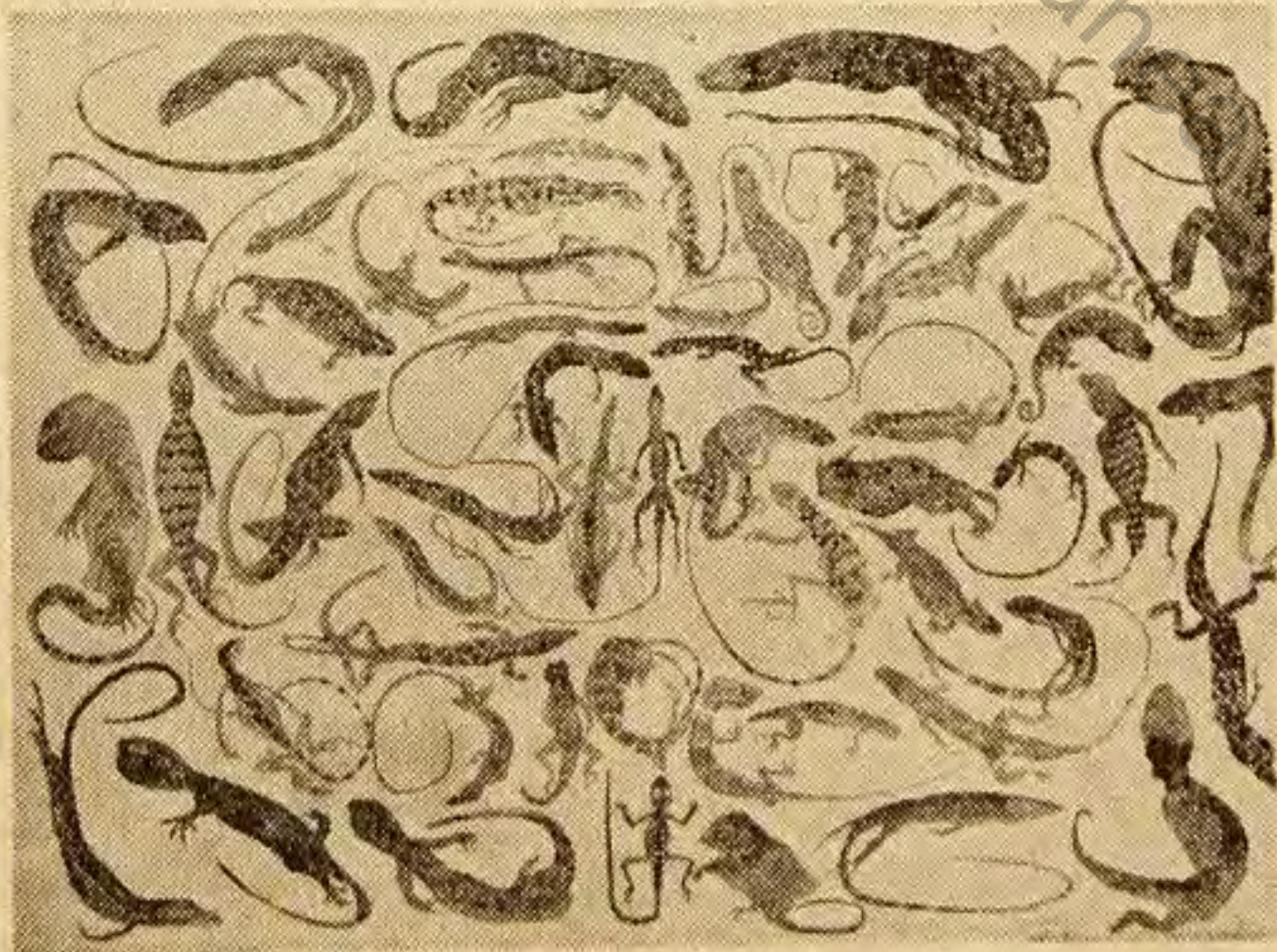
Ladeando Grassmann, a pesquisa de Arnaldo Pedroso Horta, com os recordados, foi premiada como tal e pela originalidade que a reveste. O desenho n. 54 acrescenta, porém, ao premio, uma outra autoridade. Foi bem concedida, baseada numa pequena amostra de trabalho, a medalha de bronze ao jovem Mario Tabarin, desenho n. 56. Outra medalha de bronze que tem o seu merecimento é a que premiou Nelson Seoane, com a gravura n. 81, em madeira de topo, a propria ranhura da madeira a certo ponto aproveitada na composição. O desenho de Wladislav, n. 4, porém, já não justifica a "aquisição" que recebeu, pois nada oferece de expressivo na sua nudez esquematizada. Caberia, porém, a pequena medalha de prata a Maria Heloisa, num trabalho em que incidem varias tecnicas, nem sempre condicionadas? Sim, pela tentativa a que o premio estimula; parece certo haver sob essa superficialissima textura um toque de boa sensibilidade. Igualmente nos parece bem

concedida a medalha de bronze ao trabalho n. 64, de Dorothy Bastos.

Já o mesmo não se poderá dizer da composição de Guersoni, trabalhada com facilidades evidentes, a de n. 70, que não justificaria a preferencia do Juri (aquisição e medalha de prata), pois há maior interesse na gravura n. 69, embora mesmo aí o arabesco não fuja ao artifício. Francini recebeu o favor do Juri pelo trabalho n. 40. Sendo uma das melhores texturas do Salão nos três exemplares com que concorre, Francini não escapou a um equívoco. Um melhor exame levaria talvez o Juri a premiar a composição n. 39, seguramente a melhor arquitetura obtida pelo artista. A pintura torturada do abstrato Krajberg, que não é tão abstrato assim, recebeu um premio certo, ao estímulo de sua atual pesquisa.

Com Lothar Charoux e Willys de Castro, ns. 51 e 55, o Juri curvou-se às injunções do abstracionismo geométrico, dando ao primeiro o 2.º premio Governo do Estado e ao segundo a pequena medalha de prata. Não há como conciliar esse juízo ao premio dado a Grassmann — entre o primeiro e o segundo premio há um abismo, que é onde se situa o Juri.

Maria Leontina enviou para o Salão três pequeninos quadros que, se mantêm suas qualidades de fatura, não estão perto dos extremos a que atingiu a sua pesquisa de hoje, bem representada, entretanto, no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio. Aliás, de Maria Leontina breve teremos melhor oportunidade de apreciar seus trabalhos, na exposição individual que vai realizar aqui.



Um desenho de Arnaldo Pedroso Horta